

BC prevê que PIB deve ficar próximo da estabilidade no segundo trimestre; risco de recessão técnica aumenta

Segundo ata do Copom, ainda há riscos na agenda de reformas, classificados pelo colegiado como 'preponderantes'

Gabriel Martins, Reuters, João Sorima Neto e
25/06/2019 - 08:50 / Atualizado em 25/06/2019 - 22:39

SÃO PAULO — O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) avaliou que a interrupção da recuperação da economia brasileira nos últimos trimestres é “nítida” quando se analisa um período mais longo e que a perda de ímpeto deverá levar a economia a flertar com estagnação no segundo trimestre de 2019.

Com isso, não está afastada a possibilidade de uma nova recessão na economia brasileira, uma vez que o PIB recuou 0,2% nos três primeiros meses deste ano, na comparação com o último trimestre do ano passado. É possível que haja revisão do crescimento econômico e que essa variação seja revisada para baixo. Como dois trimestres seguidos de queda no PIB representam recessão técnica, o risco de isso acontecer aumenta após a avaliação do BC.

— Matematicamente, uma recessão técnica é possível com a divulgação do resultado do segundo trimestre. Com os atuais indicadores, é possível que o segundo trimestre não reaja o suficiente para apresentar alta — destaca Flávio Byron, sócio da Guelt Investimentos. — Entretanto, 2019 tem grandes chances de ser o ano da vitória. Com a aprovação da Previdência e outras reformas, como a tributária, e a venda de ativos, 2019 pode ser o período da "libertação".

Embora acredite que o crescimento deste ano seja baixo, Byron pondera que 2020 tem chances de ser o ano que a economia vai ganhar tração para avançar:

— O próximo ano tende a ser melhor que o atual. Com a aprovação das reformas e a retirada da "mão pesada" do Estado em vários setores da economia, a partir de 2020 a economia tem chances de ganhar tração e voltar a crescer.

“Após leve recuo no primeiro trimestre de 2019, em decorrência dessa perda de dinamismo e de alguns choques pontuais, o Produto Interno Bruto (PIB) deve apresentar desempenho próximo da estabilidade no segundo trimestre”, avaliou o Copom na ata da sua última reunião, na semana passada, quando o colegiado deixou a Selic em 6,5% ao ano .

Década perdida

Os economistas pontuam que destacar o ano de 2019 como o único responsável pelos problemas da economia do país é uma leitura limitada. Na avaliação de Alexandre Espirito Santo, economista da Órama, o que está perdida é a década, não somente este ano.

— É fato que o crescimento da economia de 2019 está muito abaixo do projetado no início do ano. Numericamente, é possível haver recessão técnica no segundo trimestre, mas o problema é que a economia não se resume a este ano — destaca o economista, ressaltando que o problema é maior, desde o início dos anos 2010: — Estamos com chances de ter uma década perdida. Esse período de baixo crescimento está muito similar aos anos 1980. A economia está com o freio de mão puxado.

Ele não acredita, entretanto, que os próximos anos terão crescimentos tão baixos. Ele condiciona esta perspectiva à aprovação das reformas.

— Se as reformas, como Previdência e Tributária, passarem, e a venda de ativos tomar fôlego, a expectativa é que a partir de 2020 a economia volte a crescer de forma mais linear e constante — diz Espirito Santo.

Na ata, o Copom reconheceu a melhora do balanço de riscos para a inflação entre o começo de maio e meados de junho, mas ainda apontou riscos do lado da agenda de reformas, classificados pelo colegiado como “preponderantes”. Com isso, “a evolução do cenário básico e do balanço de riscos prescreve manutenção da taxa Selic no nível vigente”.

VARIAÇÃO DO PIB (EM %)

Período de 01/01/2019 a 21/06/2019 para 2019 a 2020



Fonte: Focus

GLOBO

O Copom voltou a destacar a importância de reformas econômicas para “consolidação do cenário benigno para a inflação prospectiva” e disse que as reformas ajudam a reduzir incertezas, estimulando o investimento privado num contexto de ambiente fiscal limitado para investimentos públicos.

Para que 2020 não seja mais um ano perdido, os economistas avaliam que além de aprovar a reforma da Previdência o governo precisa avançar em outras frentes, como melhorar o ambiente de negócios do país, iniciar a reforma Tributária e dar ritmo às concessões. O economista sênior da consultoria Tendências, Silvio Campos Neto, estima que o segundo trimestre deste ano terá um crescimento de 0,4% em relação ao primeiro - portanto sem recessão técnica - e no ano a expansão será de 0,9%.

Este ano, o foco do governo está na aprovação da reforma da Previdência, mas, segundo ele, medidas como a MP da liberdade econômica, de proteção à livre iniciativa e ao livre exercício de atividade econômica, decisões setoriais como o barateamento do gás, ou medidas microeconômicas que melhoram o ambiente de negócios e a competitividade das empresas são as sementes para um 2020 melhor do ponto de vista do crescimento.

- É claro que é angustiante ver a economia crescendo pouco. Mas há um esforço de plantar sementes para que 2020 seja melhor. Este ano o foco é a reforma da Previdência. Se vier algo da reforma Tributária, ótimo. Nossa previsão é de um crescimento de 2% para o ano que vem, mas isso está em aberto. Pode haver uma surpresa positiva - diz Campos Neto.

Momento de transição

A fraqueza da economia, neste momento, diz Campos Neto, é reflexo da transição de um modelo em que o estado tinha peso excessivo na economia. Daqui para a frente, a expectativa é que a iniciativa privada volte a ser a protagonista do crescimento.

- Estamos num momento de transição de um modelo em que o Estado tinha um peso importante no crescimento econômico, com os bancos públicos investindo mais de 2% do PIB, obras como o PAC, o Minha Casa Minha Vida, juros subsidiados. O Estado está saindo desse jogo e isso tem um impacto negativo sobre o crescimento - diz Campos Neto, que acredita que o país pode voltar a crescer 2% em 2020.

Para ele, uma queda de juros ajuda, mas não é a questão primordial neste momento. A Selic, diz o economista, não é o fator que impede a economia de crescer. É claro que é necessário um juro mais camarada na ponta do consumidor e esse trabalho de reduzir o spread já vem sendo feito pelo Banco Central, observa o economista da Tendências.

- A chegada do cadastro positivo, que vai beneficiar os bons pagadores com juros mais baixos, é outra medida na direção de mudar o país estruturalmente. Uma queda de juros ajuda, mas ela não é crucial para a retomada do crescimento. A melhora fiscal vai naturalmente abrir espaço para juros mais baixos e por tempo prolongado - diz Campos Neto, que acredita que a Selic deve terminar 2019 em 6%, iniciando 2020 em 5,75%.

Gatilhos para o crescimento

Para Alvaro Bandeira, economista-chefe do banco digital Modalmais, neste momento tudo depende da reforma da Previdência, embora ela não seja o único gatinho para a retomada do crescimento.

- Não que a reforma da Previdência vá promover a retomada da economia. Mas ela abre a porta para que o governo possa fazer outras reformas, especialmente a tributária que tem impacto mais imediato na vida das empresas e, portanto, é mais importante. Depois, o governo precisa avançar com as privatizações, com as parcerias público privadas e tomar outras medidas para alavancar a economia. Neste momento, a inflação não é problema. Ela deve ficar abaixo da meta e o BC deve reduzir a meta e os juros. Mas o crescimento de 2020 depende das ações que o governo tomar - explica Bandeira.

O economista acredita que se o país oferecesse um marco regulatório bom e segurança jurídica aos investidores a iniciativa privada já estaria reagindo agora.

- Um marco regulatório bom e segurança jurídica são fundamentais à volta do investimento. Lá fora, os bancos centrais voltam a flexibilizar a taxa de juros. Portanto, há liquidez com juros baixos e o Brasil poderia se beneficiar desse cenário. Há espaço para atrair investidores estrangeiros - diz Bandeira, que por enquanto estima um crescimento de 2% a 2,5% para 2020, mas que pode chegar a 3% se a reforma da Previdência aprovada for de qualidade e o governo fizer outras reformas.

Na avaliação de Alexandre Espirito Santo, economista da Órama, o que está perdida é a década, não somente este ano. Mas se as reformas, como Previdência e Tributária, passarem, e a venda de ativos tomar fôlego, a expectativa é que a partir de 2020 a economia volte a crescer de forma mais linear e constante.

— Estamos com chances de ter uma década perdida. Esse período de baixo crescimento está muito similar aos anos 1980. A economia está com o freio de mão puxado.

Estagnação momentânea

O economista Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, não crê que o país atravesse uma recessão técnica, mas a economia deve ter uma estagnação momentânea no segundo trimestre.

- O segundo trimestre vai ter o efeito da base ruim de comparação do ano passado, mas no crescimento dessazonalizado pode até ser levemente positivo. Mas o ano de fato está de certa forma perdido com um primeiro semestre ruim como estamos tendo. Mesmo uma volta do crescimento, no segundo semestre, não tiraria o ano de resultados fracos. A tendência de melhora é mais para a frente com as reformas que estão sendo feitas. Acho que o rumo está bem colocado, a despeito das intempéries políticas, especialmente nesse momento em que o Congresso tomou a pauta para si - observa Vale.

Para **Alex Agostini, economista-chefe da agência de classificação de risco Austin Rating**, o risco de uma recessão técnica existe e é resultado da deterioração maior do que o esperado das expectativas dos empresários e consumidores.

- Isso reduz a tração da economia e pode levar à recessão, ainda que temporária. Acreditamos que no segundo trimestre a economia vai encolher 0,35% em relação ao primeiro trimestre, o que tecnicamente é recessão - observa Agostini, lembrando que a recessão indica que os problemas vão além da aprovação da reforma da Previdência e que a economia precisa de reformas adicionais.

Para ele, este ano a economia deve crescer cerca de 1%, mas sua projeção tem viés de baixa. Mesmo assim, ele acredita que 2020 será melhor, com a aprovação da reforma, além do início da discussão da reforma tributária.

- O governo precisa iniciar a discussão da reforma tributária, andar com as concessões, precisa trazer de volta a confiança para a retomada dos investimentos e isso se traduzir em novos empregos. Medidas como um bom marco regulatório e segurança jurídica são complementares para atrair o investidor. No primeiro ano, o governo pode se dar ao luxo de errar, mas precisa fazer avanços em outras frentes sob o risco de não conseguir reverter a situação econômica ruim - observa o economista da **Austin Rating**.